



umanitas

71

na sequência dos números anteriores, constitui um importante contributo para impulsionar e disseminar os estudos sobre Plauto e a sua receção entre os humanistas.

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO
Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
jlbrandao@fl.uc.pt
orcid.org/0000-0002-3383-2474
https://doi.org/10.14195/2183-1718_71_9

SOARES, Carmen; FIALHO, Maria do Céu; Figueira, THOMAS (eds.), *Pólis/Cosmópolis. Identidades locais & globais*, 386 pp., Coimbra, IUC/Annablume, 2016, ISBN: 978-989-26-1279-9³

Dentre os muitos méritos que se pode entrever na obra, destacam-se o carácter transdisciplinar e a proposta de entrecruzar problemas inerentes tanto à dimensão do espaço – a pólis/cosmópolis – quanto à de seus ocupantes – as identidades, mobilidades, encontros e convergências – desde o mundo antigo até o novo mundo.

Já o *Prefácio* ressalta as noções de coexistência entre identidades regionais e globais, minorias e maiorias; de evolução de padrões éticos; de intercâmbio em grandes espaços de sínteses multiculturais; e de fulcro de convergência cosmopolitana de saberes – noções todas que, construídas ao longo dos 23 contributos, sintetizam a contribuição maior da obra para estudiosos de diversos ramos das ciências humanas na lusofonia: a fértil discussão sobre como a herança do passado se incorpora criticamente na construção da modernidade. Por razões de espaço, me limitarei a comentar aqueles textos que me parecem sejam os mais inovadores e/ou vetores de discussões cardinais para a construção das noções que estruturam a obra.

Regimes políticos nas Histórias de Heródoto. O “Diálogo dos Persas” (3.80-82), de C. Soares, entrelaça duas propostas hermenêuticas engenhosas: a de ler o referido diálogo herodotiano como uma “‘ficha de leitura’ dos casos de governantes e governos já retratados e dos que as *Histórias* ainda

³ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

lhe [i.e., ao público] reservam” (p. 44); e a de investigar a possibilidade de se entrever, já neste texto, “dois grupos distintos de regimes: os ‘melhores’ (a que vem aplicado no texto o adjectivo *aristos*) e os ‘piores’” (idem) – seis, portanto, e não apenas os três tradicionalmente particularizados.

Atenas, perfil de uma cidade modelo, de M. Silva, é um levantamento filológico exaustivo de qualificações e valores (e.g., “única”, “piedade”, “*philia*”, “*xenia*”, “livre”) identificados em seções de tragédias associadas ao elogio da cidade. A partir desse mapeamento, a autora discute elementos que comporiam a “missão” (p. 53) propriamente política, em sentido etimológico (i.e., “dirigido à *polis*”), desse gênero.

A cidade de Deus e a cidade dos homens: gênese de um paradigma, de M. de Toledo, propõe uma comparação ousada e promissora entre o *opus magnum* agostiniano e a *Pauliceia dilacerada*, de Mário Chamie, comparação notável pela constatação aguda a respeito da recepção crítica da herança antiga: “raciocinando *a contrario sensu* (herança de Santo Agostinho), se os Mários [scil. alude a Mário de Andrade, transformado em personagem por Chamie] lamentam amargamente e esperneiam pela realidade que viveram, é porque conhecem (ou vislumbram) uma realidade melhor, ideal, absoluta, e anseiam por ela. Só se pode lamentar quando é possível comparar. Não estão longe da santa cidade do platônico Santo Agostinho” (p. 116).

Lenguas e identidades: el caso de Hispania, de F. Lloris, constitui notável contribuição para com estudos de linguística ibérica antiga ao discutir exemplos eloquentes de como a “vinculación entre lengua y etnia o nación, sin embargo, no es un hecho cultural que se imponga por sí mismo como defienden los substancialistas, sino un factor construido socialmente” (p. 126), como o das epígrafes do palmireno Barates, encontrada na Inglaterra, e a do cidadão de Belgio enterrado em Ibiza.

Calímaco e a linguagem universal do mito, de M. Várzeas, discute o problema da “crise do mito” – a “gradual passagem [do mito] a objecto de estudo” (p. 149) – a partir das propostas de racionalização de mitos arcaicos por Paléfato e Evémero, por um lado, e da veemente reação do poeta Calímaco “[c]ontra tal diluição dos Gregos no meio dos outros povos e contra a uniformização implícita neste microcosmo imaginário” (p. 153), por outro, tomando a obra do poeta alexandrino como paradigmática para a reflexão sobre identidades nesse mundo helenístico, para o qual “o princípio geral que justifica toda a construção dos *Hinos*” seria o fato de que “as histórias acerca dos deuses gregos continuavam a fazer sentido e a ter valor

universal num mundo que tinha visto abrirem-se as suas fronteiras às mais variadas gentes” (p. 154).

Embora discorde das conclusões (“não hesitaríamos mesmo em falar de *interpretationes graecae* de histórias que são aplicadas ao universo indiano, sugerindo-se o total desconhecimento da realidade do outro lado” – p. 174), *A Índia na mitologia grega*, de N. Rodrigues, é instigante por alinhar ao menos três noções caras à obra: o exame do conhecimento do *outro* por parte de um recebedor greco-egípcio tardio (Nono de Panópolis), procedimento que enforma uma discussão maior sobre “espaço alternativo/alteridade à Hélade” (p. 172).

Os capítulos em sequência *Città pubblicitarie*, de D. de Martino, e *Città visibili*, de F. de Martino, formam um díptico peculiar e perfeitamente entrelaçado em termos de complementaridade temática, focados o primeiro no problema das manifestações da cosmópolis-*hub* contemporânea – “Babele architettonico-culturale” (p. 195) – por via dos anúncios que ela veicula e que ao mesmo tempo a ofuscam, e enfatizando o segundo, pelo viés oposto, a visibilidade das “nano-città” antigas, como Itaca, Ascra ou Delos, por via da literatura, da numismática e demais artes plásticas.

I mercati: merci e culture, de G. Baratta, parte da premissa de que “[n]el mondo romano, a dispetto dei condizionamenti climatici e delle grandi distanze da percorrere, proprio nel campo alimentare si è data vita ad una sorta di globalizzazione *ante litteram*” (p. 238) e, com base nela, discute o problema da romanização e da *interpretatio* a partir do ciclo de produção do vinho, “uno dei grandi motori dell’economia antica” (idem) que modifica inclusive aspectos da vida religiosa de diversas localidades (e.g., a evolução das representações da divindade gaulesa *Sucellus* – p. 241). Para além da análise convincente, o texto é enriquecido por 3 desenhos de prensas antigas executados pela autora, 13 fotografias retratando objetos e/ou cenas da cultura material cotidiana do mundo antigo, e um mapa.

Iter populo debetur: rede viária e legislação no Império Romano, de V. Mantas, é outro texto bastante ilustrado (12 fotografias de vestígios arqueológicos e 2 mapas). O capítulo é um extenso e minucioso estudo focado no problema da “mobilidade à escala do mundo” (p. 274) e trabalha a questão da construção, legislação e manutenção do sistema viário romano imperial como “[i]magem quotidiana da *Utilitas [sic]* ao serviço da *Res Publica*”, “afirmação da grandeza pragmática de Roma e de sua missão civilizadora universal” (p. 275). Com relação às conclusões, o texto corrobora amplamente a de que a rede viária romana é um elemento fundamental da

romanização (p. 301) a despeito de a análise se concentrar nos vestígios materiais e na documentação jurídico-literária relativos às porções norte e ocidental do império.

Por fim, duas pequenas observações que não diminuem os méritos da obra: a) o livro se encerra com um *Index locorum* bastante útil, mas não traz uma seção com a filiação institucional de cada um dos contribuintes, fundamental para uma mais precisa identificação das propostas teórico-metodológicas de cada texto; e b) o capítulo *Relações diplomáticas na construção da “Paz de Filócrates”*, de E. Cação, destoa ligeiramente dos demais. Embora proponha o estudo das relações diplomáticas subjacentes à construção do referido acordo de paz mediante a análise de discursos políticos de Demóstenes e Ésquines (p. 79), tais estudo e análise (principalmente no que diz respeito a Ésquines), porém, estão truncados (e.g., na p. 81 a autora refere-se a “razões anteriormente explicitadas” que não se encontram, ou não estão evidentes, no trecho anterior) ou por demais abreviados (o texto tem apenas 4 páginas), e o texto, na verdade, acaba por sintetizar as discussões em Atenas por ocasião das duas embaixadas dirigidas a Filipe II. Mas ao cumprir, ainda que apenas parcialmente, o enunciado no resumo, o capítulo contribui não menos para com o mérito maior da obra equitativamente partilhado por todos os autores.

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI

USP, Brasil

sebastiani@usp.br

orcid.org/0000-0002-3777-6086

https://doi.org/10.14195/2183-1718_71_10

TEIXEIRA, Cláudia, *Estrutura, personagens e enganos: introdução à leitura de As Báquides de Plauto*, 84 pp., Coimbra – São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra – Annablume, 2016, ISBN: 978-989-26-1275-1, ISBN digital: 978-989-26-1276-8

Dez anos depois de ter publicado uma magnífica tradução de *Bacchides* em *Plauto. Comédias I*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, brinda-nos agora Cláudia Teixeira (C. T.) com uma obra intitulada *Estrutura, personagens e enganos: introdução à leitura de As Báquides de Plauto*. A obra tem o